

The image shows the front cover of a book. The cover is primarily a dark, almost black, color. It features a close-up photograph of dandelion seeds, which are white and yellow, scattered across the surface. The seeds are in various stages of dispersal, with some appearing as sharp points and others as soft, feathery clouds. The text is printed in white, creating a high contrast against the dark background. The title 'CONFERÊNCIAS NO PARQUE' is at the top, followed by the subtitle 'Conhecer o Território: Reflexões partilhadas no Parque da Devesa' below it. The book is placed on a light-colored, possibly grey or white, surface.

CONFERÊNCIAS NO PARQUE

Conhecer o Território:
Reflexões partilhadas no Parque da Devesa



CONFERÊNCIAS NO PARQUE 2013

*Conhecer o Território:
Reflexões partilhadas no Parque da Devesa*

Coordenação
Emília Nóvoa Faria

húmus



Índice

- 07 Fazer História
Paulo Cunha
- 09 Introdução
Emília Nóvoa Faria
- 11 Pela Terra de Vermoim, peregrinando a Compostela
Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
- 29 As Azenhas de Vila Nova de Famalicão:
Património, Território e Paisagem Fluvial do Ave
R. Bruno Matos
- 53 Casas com História – Casa de Sinções
Emília Nóvoa Faria
- 71 Pindela – Influências das Pessoas e do Tempo
João Afonso Machado

reais. In *Guidinha e a Azenha Encantada*. Maia:

iva: Área geográfica de passagem do Ave. In
ofa: Câmara Municipal da Trofa e Professor

. D.L. 209524/04.

as Cultivadas. In *Estudos Históricos e Económicos*

sboa: Editorial Vega, 1979.

o de Bougado – *Esboço de uma Monografia*. Trofa:

181.

Projecto de Execução da Reabilitação do Moinho do

Municipal de Leiria, 2005.

er Fundos FEDER através do Programa
petitividade – COMPETE e por Fundos
ndação para a Ciência e a Tecnologia no
AT/UI0145/2011».”

CASAS COM HISTÓRIA

Casa de Sinçães

Emília Nóvoa Faria

penetramos nos segredos das vozes dos silêncios dos instantes

Sophia de Mello Breyner

Introdução

Num artigo publicado no «*Arquivo Pitoresco*»^[1], em 1886, o publicista e arqueólogo Inácio Vilhena de Barbosa aponta para o facto de Famalicão, no século XVIII, não contar mais de cem fogos, apesar de se situar na confluência das «magníficas estradas macadamizadas de Guimarães, de Barcelos, de Viana e de Caminha e donde seguem em tronco comum para o Porto». A causa para o baixo índice demográfico, com reflexos directos no desenvolvimento económico da povoação, ficaria a dever-se à falta de incentivos para atrair e fixar população, o que leva o autor a atribuir-lhe o epíteto de «terra de mui pequena importância». Era aqui que, no pacato lugar de Sinçães, às portas de Famalicão, se erguia a Casa de Sinçães, da Família Fonseca e Gouveia.

1 «Está situada esta vila em terreno baixo e plano, cinco léguas ao norte do Porto e três ao sul de Braga. Passa-lhe pelo meio a estrada que liga estas duas cidades. [...] Foi criada vila com o nome de Vila Nova de Famalicão, sendo uma terra ainda de mui pequena importância. E assim continuou, de modo que no princípio do século passado apenas contava cem fogos. / Passaram-se mais cento e cinquenta anos, e a sua sorte pouco melhorou. E todavia cobre-a um céu benigno, rodeiam-na belos campos mui produtivos; corre-lhe o rio Ave a pouco mais de uma légua de distância; regam-lhe o seu território o rio de Santiago de Antas, e o outro ribeiro; encerra uma população laboriosa e fica quase no meio caminho das duas principais cidades da província do Minho. / Abrem-se as magníficas estradas macadamizadas de Guimarães, de Barcelos, de Viana e de Caminha. Vila Nova de Famalicão é o lugar onde todas se encontram juntamente com a de Braga, feita anteriormente, e donde seguem em tronco comum para o Porto. [...] / Achando-nos no Porto em Outubro próximo passado, referiu-nos uma pessoa que acabava de chegar de Vila Nova de Famalicão, que vira e contara, em um dia desse mês, nas ruas desta vila, trinta e cinco carruagens públicas e particulares.» (Vilhena de Barbosa [artigo] in «*Arquivo Pitoresco*: semanário ilustrado». Lisboa: Typographia de Castro & Irmão, vol. IV, 1886).

I. Família Fonseca e Gouveia

António José da Fonseca, o patriarca da Família Fonseca e Gouveia na centúria de setecentos, nasceu em Lisboa, no mês de Junho de 1709. Sucedeu a seu pai no cargo de «escrivão, proprietário das terras, fazenda e estado da Casa das Rainhas»^[2], após o que veio a exercer funções de tesoureiro-mor do Reino e, por volta de 1755, de tesoureiro da Alfândega do Porto, o que esteve na origem da sua deslocação para o norte do país, acompanhado pela mulher, Maria Teresa Garcés, filha de um fidalgo da Casa Real, e dos quatro filhos do casal. José Vicente, o terceiro na linha de descendência, nasceu em Lisboa a 16 de Setembro de 1748, terá sido o primeiro membro da família Fonseca e Gouveia a inscrever o seu nome na história da Casa de Sinções. Com excepção dos primeiros seis anos passados na capital do Reino, foi no Porto, a cidade que o acolheu ainda na fase da infância, onde viveu até ao final dos seus dias. Tal como o pai, também ocupou a cadeira do tesoureiro da Alfândega do Porto, o que lhe conferia prestígio e estatuto suficientes para se apresentar como um excelente pretendente à mão da neta do cônsul da Suécia, Norberta Emerenciana Archer, com quem se casou e teve cinco filhos: Maria Isabel (1791-1871), José (1792-1863), António José (1793-1804), Francisco (1795-1796) e Guilherme (1796-1797). Nos finais do século XVIII era o proprietário da Quinta de Vilar, no Porto, uma das «quintas curtissas, e de belas casas de campo [...] que há nas 15 freguesias da cidade, e seus subúrbios»^[3]. Todavia, a tranquilidade familiar dos primeiros anos de casado em território português, cedo daria lugar à tragédia no fatídico ano de 1796, com a morte do quarto filho, o pequeno Francisco, a que se seguiu, num curto espaço de tempo, o desaparecimento da jovem Norberta, então com 28 anos de idade, originado na sequência de prováveis complicações de parto. Dos cinco filhos, apenas os dois mais velhos chegaram à idade adulta – Maria Isabel, a única rapariga, e José – sendo certo, no entanto, que nenhum deixou

2 Ruy Dique Travassos Valdez – *Fonseca e Gouveia: Descendência de Pedro Fernandes e de sua mulher Senhorinha Gonçalves (séc. XVI)*. Edição do autor. Braga: Oficinas Gráficas da «Pax», 1933.

3 “Compendio Historico e Topographico da cidade do Porto” in Francisco Ribeiro da Silva – *O Porto nas Luzes do Liberalismo*. Lisboa: Edições Inapa S. A., 2001.

descendência, gorando-se, assim, todas as expectativas de perpetuar este ramo da Família Fonseca e Gouveia.

II. A Família Rossi

José Vicente da Fonseca e Gouveia não tardou a reagir aos infaustos acontecimentos que, praticamente, dizimaram a sua família. Pai de filhos ainda menores e com uma casa para governar, a solução para estabilizar a sua vida familiar e afectiva passava por contrair novo matrimónio.

A noiva, Rosa Emília Rossi, quinze anos mais nova do que ele e uma das nove filhas do vice-cônsul da Sardenha, tinha, tal como a primeira mulher de José Vicente, ascendência estrangeira e descendia também de um diplomata. O seu pai, Jerónimo Rossi, natural de Génova, encontrava-se radicado no Porto quando casou, em Junho de 1771, com Teodora Maria Fontana, filha de negociantes italianos com bastantes recursos que se haviam estabelecido no burgo português. A partir da nomeação para vice-cônsul pelo seu primo Francisco Maria Rossi, Cônsul Geral da Sardenha em Portugal^[4], Jerónimo Rossi, para além de ascender na escala social como titular de um cargo diplomático, passou a gozar de privilégios, liberdades, graças e isenções inerentes ao exercício das suas funções. Vasco Valente, um dos seus descendentes e autor do livro *Jerónimo Rossi Fidalgo Ceramista*, descreveu-o, suportado nas memórias familiares, como alguém que vivia «num meio de opulência e ostentação» e «muito se ufanava da sua fidalguia»^[5]. Todavia, nem a opulência, nem a fidalguia, se sobrepuaram à vontade de fundar, na última década do século XVIII, a fábrica de faiança do Vale de Santo António da Piedade, onde evidenciou um notável lado empreendedor e uma apurada sensibilidade artística^[6].

4 A nomeação de Francisco Maria Rossi para o cargo de Cônsul Geral da Sardenha em Portugal foi confirmada por carta passada pelo príncipe regente D. João, o futuro D. João VI, com data de 20 de Outubro de 1809.

5 Vasco Valente – *Jerónimo Rossi Fidalgo e Ceramista*. Gaia: Edições Pátria, 1931.

6 Segundo a opinião de Carlos da Silva Lopes expressa nos seus *Estudos da história da Cerâmica*, publicados em 2004, Jerónimo Rossi «não devia ser um ceramista feito à pressa, mas, pelo contrário, um homem de gosto apurado e possuidor de conhecimentos técnicos e de experiência», opinião que não podemos deixar de subscrever perante a visualização das peças produzidas na fábrica do Vale de Santo António da

III. A descendência de José Vicente e Rosa Emília

Rosa Emília Rossi nasceu no Porto a 6 de Março de 1783, numa casa da rua Cimo do Muro, junto ao cais da Ribeira, de frente para o rio Douro. Do seu casamento com o tesoureiro da alfândega teve sete filhos. Ao primogénito, nascido em Novembro de 1804 e baptizado com o nome do seu meio-irmão, Guilherme, seguiram-se cinco raparigas – Sofia, Carolina Augusta, Emília Isabel, Rosa e Joana Cristina – e, finalmente, Tomás, o benjamim. A vida de José Vicente chegou ao fim a 29 de Setembro de 1824, no mesmo dia em que se assinalava o 22.º aniversário da morte da sua sogra Teodora.

Dos filhos de José Vicente e de Rosa Emília, só os dois mais velhos, Guilherme e Sofia, aparecem referenciados na documentação por nós compulsada, das propriedades da Casa de Sinções. Guilherme Frederico Rossi da Fonseca e Gouveia seguiu as pisadas do seu meio-irmão mais velho, o marechal José da Fonseca e Gouveia^[7], filho do primeiro casamento do pai, ao perfilhar o ideário liberal. Como tantos outros correligionários perseguidos pelo exército absolutista nas guerras liberais, também ele esteve exilado na Galiza. Em Julho de 1834, encontra-se a combater pela libertação da cidade do Porto, integrado na força militar dos “Bravos do Mindelo”, cujo desfecho, a favor das tropas liberais, levou à capitulação do rei D. Miguel e à assinatura da Convenção de Évora Monte. Dos seus feitos consta ainda a participação na revolução da Maria da Fonte^[8] e na Patuleia, de que resultou

Piedade. (Carlos da Silva Lopes – *Estudos da história da Cerâmica*. Porto: Gabinete de Estudos de Artes Decorativas da Universidade Católica Portuguesa, 2004).

7 José da Fonseca e Gouveia (1792-1863) distinguiu-se na carreira militar, tendo alcançado o posto de marechal. Atravessou o período das guerras liberais, combatendo pela facção liberal e exercendo, enquanto militar do exército, cargos de relevo, nomeadamente o de Governador Militar da ilha do Faial, de 1831 a 1832, e da fortaleza de S. João da Foz do Douro, de 1832 a 1833. Comandou, ainda a defesa da linha de Lordelo até ao fim do cerco do Porto em 1833, e foi também Administrador Geral do Distrito do Funchal, entre 28 de Abril de 1838 e 14 de Novembro de 1840, e comandante da 9.ª Divisão Militar em Chaves. Já como proprietário da Quinta de Vilar no Porto – seu pai morreu em 1824 –, D. Maria II agraciou-o com o título de 1.º Barão de Vilar, por decreto de 10 de Outubro de 1836, título que, a seu pedido, viria a ser substituído, no final desse mesmo ano, pelo de Barão de Lordelo, por decreto da mesma Rainha, de 20 de Dezembro de 1836.

8 Maria da Fonte foi o nome dado a uma revolta popular contra o governo de Costa Cabral, em 1846, na sequência da proibição de se realizar enterros dentro das igrejas.

a sua exoneração de correio-mor de Viana do Castelo, por motivo do envolvimento nestas revoltas populares. O seu percurso sugere-nos um homem determinado nas suas decisões e fiel aos seus ideais de vida.

Quanto à sua irmã, Sofia, nascida no Porto a 24 de Janeiro de 1807, o que dela se sabe não vai muito além do que se circunscreve aos acontecimentos que marcam a esfera do domínio privado – como era, aliás, comum para a generalidade das mulheres do século XIX – isto é, ao casamento e ao nascimento dos seus filhos. A seguir à união matrimonial com o secretário da Legação do Brasil em Lisboa, João José Ferreira dos Santos^[9], Sofia viajou para o Brasil, de onde o marido era natural, e onde nasceram os seus três filhos, Sofia, João e Mariana.

IV. As propriedades da Família Fonseca e Gouveia em Famalicão

A ligação de José Vicente da Fonseca e Gouveia e de sua mulher, Rosa Emília Rossi às propriedades rurais que detinham em Famalicão – o Casal da Ribeira e a Quinta de Sinções – data, na nossa opinião, do início de oitocentos, embora subsistam dúvidas quanto à forma como passaram a incorporar o património do casal: por dote de casamento da filha de Jerónimo Rossi ou por herança proveniente da família Fonseca e Gouveia ou da família Rossi?

O levantamento popular na zona da Póvoa de Lanhoso contra a medida governamental de depressão se propagou ao resto do país, resultando na queda do governo de Costa Cabral e na formação de um outro elenco ministerial, presidido pelo Duque de Palmela (20 de Maio a 6 de Outubro de 1846). As intrigas palacianas levaram, no entanto, D. Maria II a demitir o governo do Duque de Palmela nesse mesmo ano e a nomear, em seu lugar, o marechal Duque de Saldanha. A instabilidade política acabaria por desencadear uma nova guerra civil, conhecida por Patuleia, que só terminou na sequência da assinatura da Convenção de Gramido, a 29 de Junho de 1847.

9 João José Ferreira dos Santos (1816-1873), natural do Rio de Janeiro, era filho de José Ferreira dos Santos e de Mariana Ferreira dos Santos e irmão de Maria Rita Ferreira dos Santos, a 1.ª Viscondessa de Condeixa. Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e Oficial da Ordem da Rosa do Brasil e comendador da Ordem de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa.



Figura 1.
Livro de anotações de
foros de propriedades
dos Condes de Resende.

Do Casal da Ribeira, um prédio rústico paredes meias com a Quinta de Sinções, encontramos num livro de anotações de foros de propriedades pertencentes aos Condes de Resende nos concelhos de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Famalicão, Esposende e Barcelos, uma interessante descrição, acompanhada de notas sobre a identidade de alguns dos emprazadores. O casal compunha-se de «casas [...] dentro de uma cerca, com boa cantaria e escada de pedra e uma porta para nascente e uma casa para o poente – uma cozinha térrea com um coberto, quinteiro com currais e eirado – o Campo da Eira, no qual está o assento das ditas casas e uma eira com coberto.» Do casal fazia

ainda parte «o campo pelo meio um valo com árvores de fruto e vinho e um pedaço de mato com um soute de castanheiros e carvalhos de videiras para o poente – o Campo da Horta, unido ao Campo da Pedra (ambos deste casal) – o campo do Prado, um pedaço de monte, que parte do poente com a estrada de Braga, e tem uma devesa de carvalhos – a devesa de carvalho das Ferreiras – o campo de Vila Nova, que parte do Nascente com a estrada de Braga e Barcelos e do norte com a estrada de Guimarães»^[10]. As anotações de posse e transmissão informam que, em 7 de Outubro de 1589, António Luís Carneiro, de Azurara, comprou uma parcela do casal a Filipa Fernandes e, em Novembro de 1603, «António Álvares da Costa e mulher de Vila do Conde, a Catarina Álvares Roteira, viúva de Domingos Gonçalves Roteira, ambos de Viana» adquiriram uma quarta parte do casal. No último quartel do século XVII era «senhorio da metade» o contador da Fazenda do Porto, João de Figueiroa Pinto, de quem vieram a herdar os Condes de Resende, e da outra metade a Misericórdia de Vila do Conde.

Quanto à Quinta de Sinções, aparece descrita pelo conservador Frederico Filémon da Silva Avelino, da Conservatória do Registo Predial de Vila Nova de Famalicão, em 26 de Novembro de 1881, como compreendendo «casas de habitação e caseiro, eira, coberto, cortes, jardim, pomar, hortas e campos lavrados, chamados da vinha ou do Pomar, do Bacele, do Prado, da Lameira, da Fonte, do Pombal, do Coradouro e da Leira, tudo unido e tapado de parede e cômoros com entrada por dois portões». Relativamente à sua localização, no lugar de Sinções, é dito que confrontava do «sul com a estrada real que vai desta Vila para Guimarães, do nascente com o caminho público, do Norte com a quinta da Ribeira e do poente com terras de Francisco Inácio de Aguiar Pimenta Carneiro e dos herdeiros de Manuel Ferreira de Araújo». Este domínio fundiário, constituído pelo Casal da Ribeira e a Quinta de Sinções, enquadrava-se, portanto, na paisagem dos arrabaldes da povoação oitocentista de Famalicão, formando com as propriedades das Quintas de Vilar, Lameiras e Maia, uma vasta área rural atravessada por duas importantes vias rodoviárias de ligação de Famalicão a Guimarães e a Braga.

10 *Fóros nos Con.ª de V.ª do Conde, P. de Varzim, V.ª N.ª de Famalicão, Esposende e Bar.ª – Freguesia de V.ª Nova de Famalicão... O Casal da Ribeira...* ACR – PE10, fl. 43. Fundo Documental Condes de Resende. Casa de Resende.

V. Sofia Rossi Fonseca e Gouveia, a herdeira de Sinções

A seguir à morte de Rosa Emília Rossi, em 1851, procedeu-se ao inventário dos bens e à partilha entre os filhos. Anos mais tarde, a 16 de Junho de 1864, Guilherme Frederico, a quem tinha tocado em legítima o Casal da Ribeira, celebrou, num cartório do Porto, a escritura de venda da referida propriedade à sua irmã Sofia e ao seu cunhado João José Ferreira dos Santos. A transacção deverá ter sido objecto de um acordo entre ambos, na medida em que Sofia havia herdado da mãe a Quinta de Sinções, sendo, por isso, do seu interesse aumentar a área fundiária de Sinções até aos extremos das propriedades da Ribeira.

Sofia Rossi Fonseca e Gouveia, a quem José de Azevedo e Meneses, da Casa do Vinhal, se referiu numa notícia do periódico *A Gazeta de Famalicão* como «a herdeira da pitoresca casa e quinta de Sinções e da casa das Sovereiras no Porto»^[11], morreu a 29 de Novembro de 1871. Terá a sua morte sido acelerada pela hipoteca a que se viu forçada a fazer de todos os seus bens um ano antes, onde a Quinta de Sinções se incluía, para saldar as dívidas contraídas pelo marido junto do seu cunhado, o Visconde de Condeixa^[12]? A 12 de Maio de 1870, encontrando-se Sofia e o seu marido João José, hospedados em casa do Visconde de Condeixa, na rua da Horta Seca, em Lisboa, celebrou-se a escritura de convenção amigável, confissão de dívida, hipoteca e obrigação. Por esta escritura, o Visconde de Condeixa, que havia emprestado ao seu cunhado «três contos e quatrocentos e nove mil réis em metal sonante, saldo de empréstimo que ele lhes tem feito por umas letras», prontificava-se a pagar «a quantia de três contos cento oitenta e três mil oitocentos cinquenta e oito réis, também em metal, importância de tornas que eles devem da Quinta de Sinções». Por seu turno, os seus cunhados obrigavam-se a hipotecar a «sua Quinta denominada de Sinções, situada no Lugar da Bandeira, concelho de Vila Nova de Famalicão, [...] a qual quinta lhes pertencia por herança de sua mãe, e sogra, a Ex.^{ma} D. Rosa Emília da Fonseca. O seu Casal denominado da Ribeira também situado no dito concelho de Vila Nova de Famalicão, que se compõe de diversas terras por eles compradas a diferentes possuidores [...], uma propriedades de casas, situada no lugar do Sobreiro, e seu terreno adjacente, tudo na Fre-

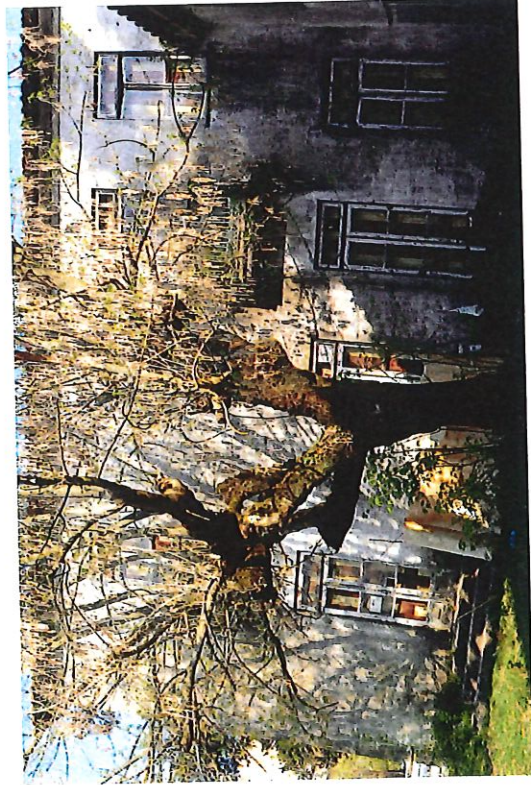


Figura 2.
Parte da fachada da
Casa de Sinções.

11 “D. Mariana Ferreira da Fonseca Gouveia e Castro” in *A Gazeta de Famalicão*. A. 2, n.º 72 (11 Dez. 1915).

12 «Foi 1.º visconde de Condeixa, na sua família, João Maria Colaço de Magalhães Sarmento que nasceu na Lousã a 15 de Janeiro de 1806 e morreu a 28 de Maio de 1871, filho de João de Magalhães Colaço Velasques Sarmento, fidalgo da Casa Real por sucessão, e de sua mulher D. Maria Eugénia de Figueiredo Moniz. / Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real, par do Reino, Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Cavaleiro da Torre-e-Espada, comendador da Ordem da Rosa, do Brasil, administrador do vínculo dos Colaços no campo de Coimbra, negociante de grosso trato na praça do Rio de Janeiro, capitalista e grande proprietário em Portugal. / Casou em 12 de Janeiro de 1839, com D. Maria Rita Ferreira dos Santos, filha de José Ferreira dos Santos e de sua mulher D. Mariana Ferreira dos Santos. / O título foi-lhe concedido em 1851 por D. Maria II.» (Fonte: www.museu-emigrantes.org/visconde-de-condeixa.htm).

guesia de Lordelo, e no dito concelho do Porto, a qual propriedade de casas consta de um andar nobre, capela e mais pertenças [...] e todos os móveis que possuem existentes na hipotecada casa da Sobreira».

VI. A descendência de João José e Sofia

Novamente, tal como já sucedera com a geração dos filhos de José Vicente e de Norberta Emerenciana, a roda do destino “sentenciou” a interrupção da linha da descendência com os filhos de João José e de Sofia. Desta vez, com consequências bem mais gravosas. A mais velha, Sofia, conservou-se solteira até morrer. João, o único filho varão, morreu ainda na flor da juventude, quando contava 29 anos, e Mariana, a mais nova e a última senhora Fonseca e Gouveia da Casa de Sinções, na qual se depositavam todas as esperanças, teve dois filhos, mas nenhum sobreviveu à infância.

Mariana nasceu em terras de Santa Cruz a 22 de Maio de 1842. A um mês de completar 26 anos, consorciou-se na igreja românica de Cedofeita com José da Silva e Castro, da Casa de Vilar, filho do segundo casamento de Silvério da Silva e Castro com Maria Delfina Barbosa.

Não passam de vagas memórias aquelas que chegaram até nós das senhoras Ferreira de Macedo, da Casa das Lameiras, visitas regulares de Sinções no tempo de Mariana Ferreira Fonseca e Gouveia, onde diziam que se primava na arte de bem receber. Da casa muito pouco conseguiu resistir à inclemência do tempo. Apresentando actualmente um acelerado estado de degradação, com um dos dois corpos reduzido a escombros, apenas podemos ter uma pálida ideia de como era a Casa de Sinções, recordando-a, no tempo do seu esplendor, como uma das mais pitorescas da vila.

VII. José da Silva e Castro

José da Silva e Castro, nascido no Porto a 10 de Fevereiro de 1842, tinha uma estreita ligação a Famalicão por via da Casa de Vilar, propriedade de seu avó paterno, Dionísio da Silva e Castro.

Figura 3.
José da Silva e Castro.



Em 1858 matriculou-se na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, tendo sido contemporâneo e amigo dos irmãos Sampaio, Alberto e José, Antero de Quental, António de Azevedo Castelo Branco, e de muitos outros que militaram nessa notável geração conhecida por «Geração de 70». Durante o período estudantil aderiu à Sociedade do Raio, uma associação secreta de estudantes, constituída com a finalidade de obrigar à demissão do reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, um homem de «inquisitorial aspecto» e de extrema severidade nos chamados «símbolos externos», isto é, na indumentária estudantil, desde a volta clerical até ao abotoamento da batina e da colocação da meia preta acima dos joelhos. Quando José da Silva e Castro subscreveu o *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à Opinião Ilustrada do País*, redigido por Antero de Quental para justificar perante a opinião pública os motivos da debandada dos estudantes da sessão solene presidida pelo reitor na Sala dos Capelos, no dia 8 de Dezembro de 1862, fá-lo

identificando-se como aluno do curso de Matemática e oficial do Regimento de Lanceiros da Rainha^[13].

A malacologia foi a área de especialização de José da Silva e Castro, ao ponto de ter granjeado reconhecimento no meio científico internacional. A importante coleção de conchas de moluscos terrestres, com origem em Portugal, que reuniu ao longo da vida, e os vários artigos publicados em conceituadas revistas científicas do seu tempo, mereceram não só aplausos *inter pares*, como convites para sócio de algumas das mais prestigiadas instituições, nomeadamente a *Société Malacologique de France* e a *Académie des Sciences, Arts et Belles Lettres*. Do restrito grupo da sua confiança, com quem se correspondia e confiava os resultados das suas investigações, faziam parte Júlio Augusto Henriques, o fundador da Sociedade Broteriana e director do Jardim Botânico de Coimbra, Arnould Locard, um consagrado malacólogo francês, a quem Silva e Castro entregou parte da sua coleção de conchas, e António Machado, professor da Universidade do Porto. Numa das cartas que endereçou a Júlio Henriques, datada de 14 de Janeiro de 1910, expõe com o entusiasmo próprio de um cientista a organização da sua coleção: «Tenho trabalhado todos os dias umas horas e ainda tenho para bastantes o concluir esta parte do meu trabalho; que é o pôr em ordem a minha colecção. Acabo de rever o género navícula no qual conto umas 150 preparações, quase todas perfectas. Correspondem a umas 70 espécies nesse género»^[14]. Deste homem, cuja notoriedade atravessou fronteiras e que, no nosso tempo foi, incompreensivelmente, relegado para o esquecimento, escreveu António Machado: «octogenário ilustre, o sr. José de Castro, um espírito ainda moço e vivo, cuja distinção e fidalguia de trato todos os seus conterrâneos apreciam. Mas muita gente ignora que, sob aquela aparência modesta está alguém que tratou, de igual para igual, com sábios estrangeiros de nomeada, e à ciência do seu país

13 O Regimento de Lanceiros da Rainha surgiu durante as Guerras Liberais, em 1833, tendo sido criado pelo Exército constitucionalista, inspirado nas tropas de lanceiros das Guerras Napoleónicas. Desde a sua formação que o regimento era visto como uma unidade de elite, responsável pela escolha real, sendo que a maioria dos seus oficiais pertencia à aristocracia.

14 Carta de José da Silva e Castro a Júlio Henriques. Porto, 14 de Janeiro de 1910. UCFCT Botânica. Fundo Júlio Henriques. Pasta C-Com (200) – CAS (J5)-9.

prestou desinteressadamente os mais relevantes serviços. / Não cabe num breve artigo de jornal a sua biografia científica completa, que oportunamente se fará; mas quero desde já prestar-lhe aqui a minha homenagem de admiração e respeito»^[15].

VIII. As partilhas das irmãs Fonseca e Gouveia

Em 1871 a tragédia abatia-se sobre a Família Fonseca e Gouveia. A 28 de Maio, decorrido um ano após a data da celebração da escritura de hipoteca da Quinta de Sinções, morria o Visconde de Condeixa, João Maria Colaço de Magalhães Velasques Sarmento e, a dois dias de terminar o ano, em 29 de Dezembro, chegava a vez de Sofia Rossi Fonseca e Gouveia se despedir da vida, contrava então 76 anos.

A situação financeira do seu marido, João José Ferreira dos Santos, tinha-se complicado ao ponto de ser chamado a Tribunal por incumprimento no pagamento de letras resultantes de empréstimos contraídos. Desgastado com o assédio dos credores^[16] passou uma procuração a conferir plenos poderes ao seu genro, José da Silva e Castro^[17], e tomou

15 "Uma figura" in *Estreia do Minho*. A. 32, n.º 11668 (23 Out. 1927).

16 Em Março de 1873 teve lugar no Tribunal do Comércio da 1.ª Instância do Porto o processo no qual João José Ferreira dos Santos era citado para responder em Tribunal pela falta de pagamento de duas letras «uma de 100.000 réis [...] e a segunda de 200.000 réis, esta vencida em 14 de Dezembro de 1870, e aquela em 14 de Junho de 1871». O apelo neste processo era o comendador António José de Magalhães Basto que, na qualidade de testamenteiro de Vicente da Gama e Silva, um cidadão brasileiro, estava autorizado «a propor em juízo todas as acções tendentes a receber quaisquer créditos devidos ao finado». Do processo consta uma certidão, datada de 14 de Dezembro de 1872, assinada por António Gomes da Fonseca, onde este declara ter contactado um criado de João José Ferreira dos Santos com residência no lugar de Sobreiros, freguesia de S. João do Douro, o qual lhe terá dito «que seu patrão se acha em Lisboa, não podendo informar-me quando voltava». (Arquivo Distrital do Porto. Processo no Tribunal do Comércio da 1.ª Instância do Porto. PT/ADPRT/JUD/TRPRT/146/06339).

17 A 19 de Novembro de 1872, João José Ferreira dos Santos «úlvuo, súbito brasileiro, secretário da legação [...] e morador em Sobreiras da freguesia de Lordelo do Ouro» passa uma procuração a seu genro José da Silva e Castro a conferir poderes para em seu nome «requerer e alegar toda a sua justiça em todas as cousas cíveis ou crimes em que for autor ou réu.» Por sua vez, José da Silva e Castro, em Março de 1873, faz uma adenda à procuração nos seguintes termos: «Eu, abaixo assinado, José da Silva e Castro, casado, proprietário, morador na cidade do Porto e actualmente de passagem nesta cidade (Lisboa), hospedado no Hotel da Europa, na rua nova do Carmo,

a decisão de abandonar a sua casa na rua das Sobreiras, na Foz do Douro, para ir viver com a irmã, a Viscondessa de Condeixa, em Lisboa, que, como ele, também tinha enviuado no mesmo ano. A resolução da complexa situação financeira do sogro foi coroada de êxito^[18], ao ponto de permitir às filhas de Sofia e de João José celebrarem uma escritura de partilha amigável da herança deixada pelos pais^[19]. Nada se perdera do património, ameaçado pela voragem dos credores. Enquanto a Sofia, a mais velha, coubera, nas partilhas, a casa da Foz do Douro, Mariana ficou com as Quintas de Sinções e da Ribeira.

IX. As Quintas e Casas de Sinções e de Vilar

No ano seguinte à escritura de partilhas das irmãs Fonseca e Gouveia, José da Silva e Castro celebrou, com a irmã e a mãe, a escritura de venda do usufruto dos bens de raiz da Quinta de Vilar, constituindo-se como o legítimo sucessor do seu pai na posse das terras da família

substabeleço no Ex.^{ma} Dr. José Manuel Cerqueira Gomes, advogado e em 11.^{mo} Joaquim Alves dos Santos solicitador encartado [...] os poderes judiciais da procuração retro trasladada, que me conferiu meu sogro João José Ferreira dos Santos». (Arquivo Distrital do Porto. Processo no Tribunal do Comércio da 1.^a Instância do Porto. PT/ADPRT/JUD/TPRPT/146/06339).

18 Numa carta enviada por Silva e Castro a António José de Magalhães Basto, com data de 26 de Março de 1873, procura-se chegar a um acordo entre as partes, propondo como garantia duas apólices de uma companhia inglesa. Mais à frente, surgem novos desenvolvimentos para se chegar ao tão desejado entendimento: «enquanto à seguinte solução lembrada por V. Ex.^a, isto é, por meio duma hipoteca, passo a dar os esclarecimentos que julgo possam ser precisos. As propriedades, que meu sogro possui são a Quinta de Sinções em Vila Nova de Famalicão, e uma morada de casas no Porto em Sobreiras. / Estas propriedades do casal hipotecadas ao falecido Visconde Condeixa pela importância da sua dívida, que segundo a última conta corrente, que tenho à vista, fechada em 31 de Dezembro de 1872, é de 5.303\$220. Especialmente sobre a primeira propriedade pesa, além desta quantia, o valor duma terra da mesma quinta ainda em débito e que é aos herdeiros do falecido Guilherme da Fonseca — 1337\$436, sendo 1162\$986 de capital e 174\$450 de juros em débito até 6 de Novembro de 1872. O resto das tornas que pesavam sobre esta propriedade já foram pagas pela Ex.^{ma} Condessa de Condeixa, na qualidade de testamenteira do seu falecido marido, e segundo a obrigação imposta pela respectiva escritura.»

19 «Escritura de partilha amigável que entre si fazem D. Mariana Ferreira da Fonseca Gouveia e marido desta Vila, com sua irmã e cunhada a excelentíssima D. Sofia da Fonseca Gouveia, da Cidade de Lisboa. Em 6 de Setembro de 1880». (Arquivo Distrital de Braga. Livros notariais. Notário José António Gama. Livro 53, fls. 50v-53).

Silva e Castro. A partir de 26 de Maio de 1881, data da celebração da referida escritura, José e Mariana passaram a ser os detentores de um vasto património fundiário às «portas» da vila de Famalicão, formado pelas quintas e casas de Sinções e de Vilar.

Em 1884, José da Silva e Castro começou a mostrar sinais de alguma preocupação com o seu testamento. Sem filhos e não tendo já certeza de os vir a ter, e sem descendentes colaterais por parte dos irmãos e cunhados, o futuro das propriedades de Vila Nova de Famalicão estava seriamente comprometido. Procurou, por isso, conselho jurídico junto de José da Cunha Sampaio, advogado em Guimarães e um velho amigo do tempo dos bancos da Universidade de Coimbra, em quem depositava uma confiança ilimitada. O assunto era um tema recorrente quer na troca de correspondência, quer quando se encontravam em Sinções, aproveitando as estadias de José Sampaio na sua Casa de Boamense, a escassos quilómetros da vila de Famalicão. Nas entrelinhas de uma dessas cartas de José Sampaio para José da Silva e Castro, é perceptível o quanto a transmissão da herança era uma questão «na verdade melindrosa». No entanto, considerava-a «sustentável, se bem que contra a opinião de graves autoridades. Enfim aí vai o que me pareceu, e bem desejo saber o que pensam os outros colegas que forem consultados. Também me perguntaste se podes dizer no testamento = “se tiver herdado alguns bens de minha mulher os deixo a”. Entendo que sim, sem a menor dúvida. Não há disposição que proíba essa forma de testar. E desde que entre ti e tua Ex.^{ma} esposa há uma inteira e absoluta confiança, esse alvitre resolve as dificuldades.»^[20]

A seguir à morte dos pais, Sofia, a irmã mais velha de Mariana, passou a viver com a irmã e o cunhado em Famalicão, onde viria a morrer, aos 71 anos de idade, no dia 5 de Maio de 1904. Dez anos mais tarde, a 4 de Dezembro de 1915, a Casa de Sinções cobriu-se, de novo, de luto, com a morte de Mariana Fonseca e Gouveia de Castro, a última senhora que a ocupou. A nata da sociedade famalicense, comprou em peso para um último e sentido adeus a Mariana, acompanhando o fêretro até ao jazigo de família no cemitério de Agramonte, no Porto. Os Viscondes de Pindela, o Dr. Álvaro Sampaio, Hígino

20 Carta de José da Cunha Sampaio a José da Silva e Castro. Guimarães, 12 de Maio de 1884. Arquivo da Casa de Boamense. Fundo Documental de José Sampaio.

Veloso de Macedo, da Casa das Lameiras, José de Azevedo Menezes, da Casa do Vinhal, o médico Novais, entre muitos outros, marcaram presença nesse dia de profundo pesar. Com o desaparecimento de Mariana, a permanência em Sinções da Família Fonseca e Gouveia chegava também ao fim. No seu testamento, Mariana instituiu herdeiro o seu marido com quem havia partilhado 42 anos de vida de casada. Abalado por tão rude golpe José da Silva e Castro instalou-se no Porto, no nº 42 da rua da Bandeirinha, uma artéria nas imediações do Hospital de Santo António e da actual reitoria da Universidade do Porto. A Casa de Sinções, sem a presença da sua mulher, transformara-se num lugar triste e sombrio, onde era difícil viver rodeado de tantas e tão gratas memórias. De vez em quando voltava, mas apenas para estanciar alguns dias e logo regressar ao Porto.

Dois anos depois, em Fevereiro de 1917, mergulhou de novo no luto ao perder o último elo familiar, a sua irmã Henriqueta Augusta da Silva e Castro. A partir desse momento ficou totalmente entregue a si próprio. Dos ramos das famílias da Casa de Vilar (Silva e Castro) e da Casa de Sinções (Fonseca e Gouveia) era agora o único sobrevivente.

Com o desaparecimento de José da Cunha Sampaio, é o filho deste, António Vicente Leal Sampaio, quem presta conselhos jurídicos a Silva e Castro na questão da transmissão dos bens, tendo sido ele, muito provavelmente, o redactor do testamento que estava na sua posse à data da morte de Silva e Castro. Desconhece-se o seu teor, embora se saiba que as quintas de Sinções, Ribeira e Vilar foram vendidas a Gil Dias de Carvalho, afilhado de José e de Mariana, que à época, era rapaz de 26 anos. Em Agosto de 1924 foi celebrada a escritura de venda de Sinções e da Ribeira e, no final do ano seguinte, em Dezembro de 1925, realizou-se a escritura de venda de Vilar, com salvaguarda, em ambos os casos, da reserva de usufruto enquanto José da Silva e Castro fosse vivo.

A 26 de Outubro de 1928, Irene, mulher de Gil Dias de Carvalho, de quem se tinha divorciado em Maio de 1927, embora mantivesse a residência na Casa de Sinções, informava, por carta, António Vicente Leal Sampaio, do deplorável estado de saúde de Silva e Castro, ao mesmo tempo que pedia os seus doutos conselhos: «O sr. José de Castro está gravemente doente, e os médicos não apançam que ele vença esta crise, por isso me vejo obrigada a recorrer a V. Ex.ª para

me elucidar e indicar tudo o que devo e posso fazer, caso Deus tenha destinado ficar tão cedo sem a companhia e amizade deste querido amigo, que para mim tem sido quase um pai.»^[21] O desfecho previsível ocorreu passados dois dias, a 28 de Outubro de 1928. Assim que recebeu a notícia, António Vicente apressou-se a expedir um telegrama de pesar e a comunicar que um oficial de justiça do Tribunal de Oliveira de Azeméis, onde era juiz, iria entregar em mão o testamento de Silva e Castro. Ficou sepultado no cemitério de Agramonte, no jazigo de família, junto de sua mulher e dos seus dois filhos menores, dos pais e da irmã da sua mulher e da Viscondessa de Condeixa.

Contava 86 anos quando morreu o «cidadão muito culto [que deixou] trabalhos de grande relevo sobre História Natural»^[22], considerado pelos seus pares um investigador de «primeira água», despojado de vaidades e honrarias, para quem a luz do conhecimento era fonte de vida. Com o seu desaparecimento terminava também a saga da Família Fonseca e Gouveia na Casa de Sinções, em Vila Nova de Famalicão.

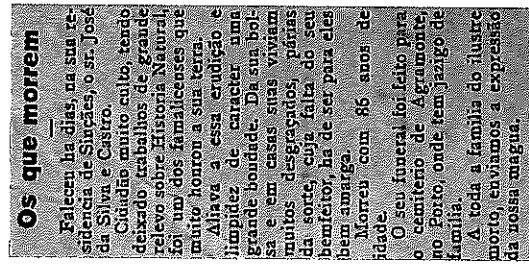


Figura 4.

Notícia da morte de José da Silva e Castro no jornal *Estrela do Minho*.

21 Carta de Irene de Castro, Sinções, 26 de Outubro de 1928. Arquivo da Casa de Boaimense. Fundo Documental de José Sampaio.

22 "Os que morrem" in *Estrela do Minho*. A. 34, n.º 1721 (4 Nov. 1928).

Bibliografia

- DUARTE, Armindo – *O Correio em Viana do Castelo: Dos primórdios a 1938 (algumas notas como subsídio para a sua história)*. Cadernos Viananese. Viana do Castelo, 14, 1990.
- FARIA, Emília Nóvoa – “Casas com História: Percursos Familiares (III). Casa de Sinções”. «*As Artes entre as Letras*». Porto, 27 (Mar.) 2013, n.º 95.
- LOPES, Carlos da Silva – *Estudos da história da Cerâmica*. Porto: Gabinete de Estudos de Artes Decorativas da Universidade Católica Portuguesa, 2004.
- MATOS, Rolanda Maria Albuquerque de – “José da Silva e Castro, o malacologista e a sua obra” in *Revista Triplo de Artes, Religiões e Ciências*, n.º 3 (Jan. 2010). *O Porto nas Luzes do Liberalismo*. Lisboa: Edições Inapa S. A., 2001.
- VALDEZ, Ruy Dique Travassos – *Fonseca e Gouvêa: Descendência de Pedro Fernandes e de sua mulher Senhorinha Gonçalves (Século XVI)*. Edição do autor. Braga: Oficinas Gráficas da «Pax», 1933.
- VALENTE, Vasco – *Ensaio Genealógicos*. Porto: ed. autor, 1916.
- VALENTE, Vasco – *Jerónimo Rossi Fidalgo e Ceramista*. Gaia: Edições Pátria, 1931.